



Os espectadores e a queda da bancada. Como o público reage às mudanças na nova cena de apresentação do telejornal¹

Renata Venise Vargas PEREIRA²

Iluska COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo: A intenção do presente trabalho é perceber como as alterações na cena de apresentação dos telejornais, em especial o MGTV 1ª Edição, veiculado pela TV Integração de Juiz de Fora, afiliada da TV Globo na Zona da Mata mineira, repercutem no público. As mudanças referem-se à retirada da bancada como principal elemento cênico permitindo a circulação do apresentador no estúdio. A partir da formação de um grupo focal foram colhidas opiniões acerca das transformações. Interessou-nos perceber se a queda da bancada rompia os obstáculos entre enunciador e enunciatário. Também nos propusemos a identificar se a nova cena utiliza-se de recursos como a informalidade para criar um clima de afetividade e intimidade, objetivando fortalecer os simulacros de interatividade e efeitos de presença com o público.

Palavras-Chave: Comunicação; Telejornalismo; Queda da bancada; Grupo focal.

1 – Introdução

Uma sexagenária com ares contemporâneos. A televisão brasileira, que se orgulha do título de precursora na América Latina, hoje, mantém distância dos percalços que marcaram sua primeira exibição, em 18 de setembro de 1950, com o programa *Show na Taba*, da TV Tupi. No dia seguinte, entrava no ar o primeiro telejornal nacional, *Imagem do Dia*. Construído nos moldes americanos, com uma bancada e um apresentador, o telejornal brasileiro cresceu de forma profissionalizada em pouco mais de 60 anos. Hoje, a cena de apresentação é outra. A mesa dos primórdios e a bancada adotada com o passar dos anos saem aos poucos do estúdio. O apresentador caminha e conversa com naturalidade com o telespectador. Novos arranjos estão sendo sedimentados em busca de uma maior aproximação e identificação com o público. A bancada perdeu a força e o *glamour* de antes. Vários noticiários vêm sendo exibidos sem o auxílio da bancada. Diante do fato, cunhamos uma expressão que marca a fase

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Professora substituta do Departamento Televisão e Rádio da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Mestre em Comunicação e Identidades pelo PPGCom da Universidade Federal de Juiz de Fora, renatavargas9@gmail.com

³ Professora do Departamento de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Comunicação e Cultura (UnB) e Doutora em Comunicação Social (Umesp), com estágio doutoral na Columbia University (CUNYC), iluskac@globocom.com



em que se encontra a história do telejornalismo: a “queda da bancada”. Consideramos que o fato de o apresentador sair de trás da bancada e caminhar pelo estúdio seja uma virada de página, o início de uma nova era. A queda da bancada é o desenrolar de um novo caminho para os noticiários veiculados na TV.

Nossa proposta é reverberar junto ao espectador como essas alterações na cena de apresentação do telejornal repercutiram. Para isso, um grupo focal foi composto para ouvir de seus integrantes como a mudança, encabeçada pela colocação dos apresentadores de pé, longe da bancada, atingiu o público. A hipótese deste trabalho é que a nova cena de apresentação, protagonizada pela queda da bancada, permite uma espontaneidade que desencadeia um processo de identificação do público com o telejornal. A humanização da cena aproxima o telespectador do noticiário e, conseqüentemente, resulta na melhor compreensão das notícias promovendo a fidelização da audiência.

Como objeto de estudo, tomamos a alteração na cena adotada pelo telejornal da TV Integração, afiliada da TV Globo em Juiz de Fora. Desde 2011, quando ainda era TV Panorama, o MGTV, noticiário que atinge a região da Zona da Mata e Vertentes, é exibido em novo formato para dois milhões de habitantes que formam as 121 cidades que fazem parte da cobertura do sinal. Acreditamos que o MGTV 1ª Edição é um bom exemplo da efetivação de laços de pertencimento com o público.

2 – Em cena a ação: a nova cena de apresentação do telejornal

As primeiras mudanças na cena de apresentação do telejornal que buscavam transformar o estúdio em uma extensão de nossas casas ocorreram no final da década de 1990, no Bom Dia Brasil, noticiário nacional da Rede Globo. O jornal ganhou um novo cenário - além da bancada, o espaço para divulgação das notícias incluía uma sala de estar para realização das entrevistas. Nos anos 2000, novas reformulações atingiram a emissora em todo o país, inclusive, as praças, conhecidas assim por serem afiliadas da TV Globo.

Em Juiz de Fora, a reformulação de cenário na afiliada da Globo aconteceu em nove de maio de 2011, quando a emissora ainda era a TV Panorama⁴. A principal mudança do MGTV 1ª e 2ª Edições teve como foco a bancada. O acessório, que dividia

⁴ No início de 2012, a TV Panorama virou TV Integração. Os 50% das ações da antiga emissora que permaneciam nas mãos do empresário Omar Peres foram repassados ao grupo Integração. A emissora é considerada a primeira afiliada da TV Globo do país, atuando nas regiões do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba, Nordeste de Minas, Pontal, Centro-Oeste de Minas e Sul e Minas, além das duas novas áreas com a aquisição da TV Panorama: Campo das Vertentes e Zona da Mata.



com o apresentador o olhar do telespectador, perdeu o *status* de outrora. Saíram a bancada triangular e o cenário nos tons cinza e azul e entrou uma nova cena de apresentação, com uma bancada reduzida, dois telões, dois bancos para receber os entrevistados e fotos das cidades de cobertura do sinal. O espaço do estúdio permanece o mesmo: 5m² - mas a redução do tamanho dos objetos de cena dá a impressão de o local ser mais amplo. O jornal de estreia com o novo cenário foi apresentado por três jornalistas da emissora: Érica Salazar, Sérgio Rodrigues e Ricardo Ribeiro⁵.

Atualmente, a bancada permanece no ar, mas não com as funções de antes. Na nova cena, os comunicadores circulam pelo estúdio e se apresentam de corpo inteiro, não ficam fixos ou sentados atrás da bancada. Movimentam-se, caminham pelo cenário, incorporam um discurso dialógico com outros sujeitos também participantes da enunciação, como os repórteres da rua ou os convidados no estúdio.

Entender como a mudança repercute na audiência ajudará a compreender como o público absorve a evolução do telejornalismo. No Brasil, é através do telejornal que a maioria da população se informa já que a televisão é um dos veículos de maior importância entre os cidadãos. Dados do IBGE (2011)⁶ reforçam essa força e revelam a presença do aparelho nas residências da nação. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/2011), o número de domicílios com pelo menos um aparelho de televisão supera o dos que possuem geladeira. Em 2011, 59,4 milhões de lares possuíam televisão, o que corresponde a 96,6% do total. Já o número dos que tinham geladeira era de 58,7 milhões (95,8%).

Outra pesquisa encomendada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República (Secom)⁷ aponta que a TV é o meio com maior abrangência no país. Os canais abertos são vistos por 83,5% da população, sendo a Rede Globo a emissora favorita dos brasileiros. Os telejornais foram considerados por 65% dos entrevistados como os programas de maior relevância.

O francês Dominique Wolton (1996) reconhece a força e o apelo da TV no Brasil. O país e a Globo, especificamente, já foram objeto de seus estudos. Em suas pesquisas, o teórico reconheceu o sucesso e o papel nacional da emissora que, segundo ele, é “assistida por todos os meios sociais, e que pela diversidade de seus programas

⁵ Atualmente, os jornalistas Ricardo Ribeiro e Sérgio Rodrigues (atual vice-prefeito de Juiz de Fora) não fazem mais parte dos quadros da emissora.

⁶ http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1 <Acesso em 11/10/2012, 14h44>

⁷ http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=6761 <Acesso em 11/10/2010, 14h49>



constitui um poderoso fator de integração nacional” (WOLTON, 1996, p.153). Coutinho formula que “a fonte principal de informação, no Brasil, é a televisão” (COUTINHO, 2012, p. 43). O telejornal é a mais importante manifestação do telejornalismo. A necessidade de compreender o mundo globalizado e de ter acesso ao maior número possível de informações é preenchida pelo jornalismo visto na TV. A autora avalia que a “televisão garantiria um acesso mais universal ao conhecimento dos fatos, nas notícias, sem limitações de grau de escolaridade” (COUTINHO, 2012, p. 16).

No Brasil, o telejornalismo representa um lugar de referência para os cidadãos. Alfredo Vizeu e João Carlos Correia (2008) justificam que o telejornalismo exerce uma função muito semelhante à da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. A referência nesse caso faria com que os telejornais atuassem como um laço estruturante. Todos, de forma invisível, conectados diante da tela da TV.

O telejornalismo, segundo Vizeu (2008, p.7) cumpre a “função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade” hoje dispersa. O mundo que circunda o sujeito é organizado pelo telejornal, que se apresenta como um novo lugar de sentido onde os temas nacionais ganham visibilidade. Vizeu completa argumentando que “o telejornal é hoje a grande *praça pública* do Brasil” (2008, p.7) onde todos discutem, comentam e se “encontram” de forma invisível.

Becker (2009) afirma que os telejornais são “os produtos de informação de maior impacto na contemporaneidade” (BECKER, 2009, p.81) e se consolidaram como um território simbólico, onde os sujeitos de diversas classes socioculturais experimentam sentimentos de cidadania e pertencimento. Esses vínculos do telespectador com a TV se materializam ainda em números de audiência, imprescindíveis para que as emissoras obtenham verbas junto ao mercado publicitário.

3 - O MGTV 1ª edição em foco e a identificação do público

Os moradores das 121 cidades de alcance do sinal da TV Panorama, hoje, TV Integração, assistiram à estreia do novo cenário do MGTV 1ª Edição no dia nove de maio de 2011. A novidade foi comemorada pela emissora que anunciou a mudança por intermédio de seus três apresentadores: Érica Salazar e Ricardo Ribeiro – titulares do jornal da hora do almoço, e Sérgio Rodrigues, responsável pelo MGTV 2ª Edição, que apresentaram, juntos, o jornal deste dia. Durante o noticiário os telespectadores puderam perceber as principais alterações implantadas na cena: os apresentadores de pé, em



ambiente claro, supostamente mais amplo, e circulando pelo espaço que oferecia outras opções além da ancoragem a partir da bancada.

A primeira reportagem tinha a missão de esclarecer o público os motivos que levaram a emissora a optar pela troca, 13 anos após a última reformulação do cenário. Na voz da apresentadora, no texto que antecedeu à exibição do material, a justificativa da alteração era de que a empresa daria mais um passo em direção à digitalização do sinal e, conseqüentemente, a busca pelas imagens em alta definição. Uma dessas etapas seria o investimento no novo cenário.

A apresentadora que, a partir de então, assumiria o estúdio sozinha (ficando o jornalista Ricardo Ribeiro, que dividia com ela a bancada, responsável pela enunciação do telejornal durante os *links* ao vivo da rua) mostrou, nos primeiros minutos do jornal, como seria o noticiário dali em diante. Uma grande circulação de pessoas, todas recebidas por ela que passou comandar a enunciação. Na estreia, ela “abriu as portas de sua casa”, ou melhor, permitiu a entrada dos colegas no estúdio para revelar aos dois e ao público, do outro lado da tela, os detalhes da novidade. Logo após a escalada, Érica Salazar anunciou: “para celebrar esse momento do telejornalismo regional, eu convido nossos dois apresentadores da TV Panorama, Ricardo Ribeiro e Sérgio Rodrigues. Sejam muito bem-vindos” (MGTV 1ª Ed. 09/05/2011).

Foi embalado nesse clima que a emissora inaugurou mais uma etapa da história do telejornalismo regional. A nós nos interessa, primordialmente, descobrir os eventuais impactos que a percepção dessa mudança provocou no público. Amparados no processo de identificação que a televisão gera na audiência, sobretudo, por meio dos apresentadores, pretendemos analisar se essa personificação contribuiu para a criação de uma intimidade. Além disso, com o novo cenário, os âncoras comportam-se de maneira mais solta, circulando pela cena, aparecendo de corpo inteiro, dramatizando e encenando o vai e vem de notícias. Nossa intenção é descobrir se essa movimentação produz a ilusão de intimidade entre o público e os profissionais e uma maior aproximação com a audiência.

Para melhor compreender como a mudança na cena de apresentação do MGTV 1ª Edição reverberou no público nossa proposta foi auscultar a recepção do noticiário. Para isso, foi realizado um grupo focal, formado por indivíduos que representavam a audiência do telejornal⁸, com o objetivo de perceber entre seus diferenciados

⁸ Os dados sobre a audiência foram repassados pelo departamento de Marketing da emissora à pesquisadora em 04/07/2012.



componentes as diversas opiniões a respeito do MGTV 1ª Edição, da articulação da apresentadora titular responsável pela enunciação do noticiário, e a nova cena de apresentação do telejornal, além de descobrir suas impressões acerca da queda da bancada.

Entendermos que o grupo focal funciona “como ferramenta de pesquisa qualitativa, ajuda a identificar tendências, o foco, desvenda problema, busca a agenda oculta do problema” (COSTA, 2005, p.180). A autora Maria Eugênia Belczak Costa (2005) avalia que a metodologia favorece o aprofundamento da reflexão sobre o que é essencial acerca dos fatos. Assim como a autora, acreditamos que o processo “permite identificar a satisfação e a percepção que produtos culturais, como programas de TV, revistas, seriados, textos populares, provocam no receptor desses conteúdos” (COSTA, 2005, p.182).

Bernadete Angelina Gatti (2005) corrobora com essa percepção ao descrever que o grupo focal é uma técnica muito rica que permite o levantamento de dados, expressões e comentários emitidos por um determinado segmento. A autora destaca que as trocas realizadas no grupo permitem captar conceitos, sentimentos, atitudes, experiências e até reações dos membros em uma perspectiva mais apurada que em outros métodos.

O grupo focal foi composto por onze pessoas, com sexo, idade, escolaridade e níveis sociais variados, priorizando membros da classe C, obedecendo o perfil do público do MGTV 1ª Edição. Dados da TV Integração revelam que o público do noticiário é formado, em sua maioria, por mulheres, cerca de 58% do total. As idades são diversas e variam de quatro a acima dos 50 anos. A faixa que apresenta um público mais concentrado é composta por pessoas com mais de 25 anos, com uma ligeira vantagem entre os 35 e 49 anos, 25% da audiência. Quanto à classe social, o MGTV atinge todos os níveis socioeconômicos, com larga margem para os membros da classe C, que detêm 61% dos telespectadores. Ainda segundo informações fornecidas pela emissora, em Juiz de Fora, a classe C representa 59% da população, de acordo com os dados do Ibope (set/out-2011).

Com base nesses dados, partimos para a composição do grupo focal. Sete integrantes eram mulheres: uma estudante universitária de 22 anos; uma empregada doméstica de 35 anos que cursou até a 6ª série do Ensino Fundamental; uma radialista de 38 anos com Ensino Médio completo; uma comerciante de 51 anos com graduação em Magistério; uma administradora de empresas aposentada de 54 anos; uma funcionária pública aposentada de 64 anos, com Ensino Médio completo e uma

pedagoga de 71 anos. Quatro integrantes eram homens: um técnico em audiovisual de 30 anos, com Ensino Médio completo; um motorista de 34 anos que cursou até a 7ª série do Ensino Fundamental; um contador de 55 anos e um funcionário público aposentado de 68 anos, com ensino superior incompleto.

Os trabalhos começaram com a distribuição de crachás de identificação aos integrantes do grupo focal, inclusive, para a pesquisadora que foi responsável pela moderação. Os participantes foram informados que suas opiniões seriam gravadas a fim de auxiliar a decupagem do material. Em seguida, foram explicados os objetivos do grupo e como aconteceu a formação heterogênea do mesmo. A preocupação era informar aos membros que não havia opiniões certas ou erradas e que a riqueza da pesquisa estava na diversidade de posicionamentos. Outra garantia foi a do anonimato. Nesta pesquisa, todos serão chamados apenas pela profissão e a idade que possuem.

Todos foram posicionados ao redor de uma mesa e de frente para uma televisão de onde seriam reproduzidos trechos do noticiário e fotos da cena de apresentação do telejornal, objeto de estudo da pesquisa. A gravação em áudio durou uma hora, 26 minutos e 59 segundos. O primeiro estímulo que o grupo recebeu foi opinar a respeito da foto que revela o antigo cenário do MGTV.



Figura 1 – Primeiro cenário do MGTV. Permaneceu no ar por 25 anos.
(<http://megaminas.globo.com/2011/05/09/tv-panorama-estreia-novo-cenario>)

As opiniões foram unânimes em relação a essa representação. A funcionária pública aposentada considerou a imagem feia em relação ao que ela vê atualmente na televisão, “ultrapassada” como ela mesmo adjetivou. A administradora de empresas considerou o cenário improvisado, fato que foi ponderado pelo contador, “[...] era o que era de bom no momento”. Na sequência, os componentes do grupo opinaram sobre a foto de outra fase do cenário MGTV.



Figura 2 – Cenário do MGTV 1ª e 2ª edições no final dos anos 1990. No ar por 13 anos (Arquivo pessoal)

As opiniões foram diversas. Alguns, como a comerciante, gostaram do que viram, com destaque para o colorido da foto. Foi exatamente nesse ponto que a funcionária pública aposentada discordou argumentando que as cores chamavam muita atenção. Para ela, perde-se tempo olhando as cores para, depois, ficar atenta às notícias. A pedagoga justificou que as cores chamam mais atenção do que o repórter. Para os integrantes, o elemento que mais atrai na cena é a bancada, mas para a pedagoga, o acessório é “muito pesado”. A terceira foto apresentada dentro da trajetória dos cenários implantados em Juiz de Fora pelo MGTV mostra a nova cena de apresentação.



Figura 3 – Jornal de estreia com a nova cena de apresentação (<http://megaminas.globo.com/2011/05/09/tv-panorama-estreia-novo-cenario>)

A administradora de empresas ponderou que foram mantidos o laranja e demais cores, mas mudou o ambiente. “Eu achei moderno. Eu acredito que as pessoas às vezes não são muito abertas a mudanças”. Para o técnico em audiovisual, a antiga bancada praticamente ocupava todo o espaço da cena. A radialista avaliou que esta seria uma tendência no MGTV 1ª Edição, “fazer uma coisa muito próxima do que o Fantástico faz, essa coisa de revista eletrônica mesmo”. Ela também avalia que, no início do telejornalismo, havia apenas uma câmera focando no apresentador (referência à primeira foto exibida). Hoje, há mais dinamismo à enunciação.

Para o contador “a ideia foi mudar o espaço, tirar o repórter de trás do balcão, mesa, ou seja lá o que for. Eu até acho legal, uma maneira de tentar inovar”. Nesse



ponto, a comerciante fez uma interferência para acrescentar que, nesse formato, não há mais formalidade. “Estão falando inclusive as opiniões deles com mais liberdade”. A administradora de empresas aposentada se manifestou: “Eu gosto muito da parte interativa”. A comerciante ilustrou que, “antigamente, a gente não sabia o que eles pensavam”. A administradora voltou a opinar dizendo que a mobilidade permitida no novo cenário traz o público para mais perto. O funcionário público aposentado concordou que essa circulação aproxima bastante. A administradora de empresas complementou ilustrando que aproveita para observar outros itens que não a notícia.

Se eu vejo você parada, por exemplo, às vezes, você até me constrange, de repente, dessa maneira ou a outra pessoa. Quando você vê a mobilidade parece que você pára para olhar uma calça jeans, tá com uma bota que você usaria, alguma coisa nesse sentido... te traz para perto. Eu consigo entrar mais dentro da notícia pelo fato de interagir até pela internet eles têm feito isso.

A estudante de Jornalismo acredita que esse formato aproxima mais o telejornal do telespectador, mas também crê que muitos apresentadores não estão preparados para o modelo o que pode comprometer a credibilidade da notícia. O funcionário público aposentado manifestou-se em dúvida quanto ao que funciona melhor: apresentação formal ou a informalidade sugerida pelo novo cenário. Até então, ele avaliava que a informalidade conseguia atrair o público em direção ao apresentador e menos para a notícia. E a formalidade focava mais na informação.

Existe um programa na Globo News chamado Painel, eu adoro esse programa. O apresentador fica muito solto, ele deixa os convidados muito soltos. E a gente se envolve com todo o assunto. [...] Eu gosto da circulação dos apresentadores. Aí vai chegar naquele caso, não sei se essa circulação desvia um pouco da notícia. Eu tô em dúvida qual é melhor, a informalidade, a circulação ou se ficar estático dando a notícia.

O técnico em audiovisual complementou o pensamento do componente afirmando que está mais acostumado com o Jornal Nacional, composto pela bancada no modelo tradicional. Na percepção dele, os apresentadores sequer dão uma risada ao anunciar uma notícia mais leve e, por isso, contribuem para conferir credibilidade à informação. No caso do MGTV 1ª Edição, o integrante do grupo focal considera que a circulação entre um ponto a outro do estúdio quebra o ritmo do programa. A doméstica de 35 anos discordou. Ela diz que às vezes trabalha assistindo ao MGTV e o jeito à

vontade da apresentadora a atrai porque também a deixa à vontade para acompanhar as notícias. Quando o apresentador fica parado ela tem a percepção de também ficar acuada.

A radialista de 38 anos chama a atenção para um ponto até então não discutido: a espontaneidade do jornalista e a encenação que vem sendo colocada em prática com o novo formato. Ela cita o exemplo de um dos apresentadores do Fantástico, o repórter Tadeu Schmidt, responsável pelas notícias esportivas do programa. Para a radialista, antes dele, ao se falar de futebol, as notícias eram divulgadas de maneira mais “quadrada”, com uma locução formal e distante. Agora, segundo ela, o jornalista se diverte com o próprio erro para fazer graça dos deslizes dos jogadores. Ela completa o raciocínio ilustrando que o comunicador não pode ser somente jornalista, mas sim, desempenhar um papel que se aproxima da figura do ator que necessita ser dirigido.

O próximo passo foi discutir como o grupo focal enxergava a figura da apresentadora do MGTV 1ª Edição, Érica Salazar. Para iniciar as discussões foi exibida uma foto da jornalista.



Figura 4 – A apresentadora Érica Salazar no novo cenário do MGTV (Arquivo pessoal)

O aposentado foi o primeiro a se pronunciar revelando o que mais chamava sua atenção na foto: “primeiro a simpatia”. A administradora de empresas também deu sua opinião: “passa credibilidade”. A estudante engrossou o coro de apoio à profissional: “Eu acho que ela está preparada para os dois formatos. Ela sabe dar o tom sério, mas sabe também estar ali em pé, chegar próximo, fazer o comentário, é espontânea”. O técnico em audiovisual concorda. Para ele, o fato de ela sentar-se no acessório para “conversar” com o público é muito interessante, passa simpatia e credibilidade.

Neste momento, passou-se a observar alguns trechos do MGTV 1ª Edição para que os integrantes do grupo pudessem emitir opiniões direcionadas a respeito da nova cena de apresentação do telejornal. Uma das partes exibidas mostrava um diálogo entre a apresentadora Érica Salazar e o repórter Ricardo Ribeiro. Ele, da rua, conversava com



ela via telão. A primeira a se manifestar foi a radialista que notou o vestido que ela usava: “Ela tá soltinha, de vestidinho”. Neste ponto da conversa, todos falam ao mesmo tempo aprovando uma brincadeira feita entre os jornalistas.

O funcionário público aposentado reitera: “desde que não haja excesso, eu gosto”. “O bacana”, segundo o contador, é que “ela tem até que às vezes improvisar. É o que digo sobre o Jornal Nacional. O cara senta lá para dizer aquilo que tá lá, ele não vai falar outra coisa”. A funcionária pública aposentada reforçou: “é por isso que não gosto do Jornal Nacional”. A administradora de empresas também se manifestou sobre o telejornal citado “é muito sisudo”. O funcionário público aposentado sai em defesa do noticiário nobre da televisão brasileira justificando porque o modelo adotado na cidade tem mais informalidade. “O horário do MGTV é hora do almoço, é mais solto, mais descontraído”.

Aproveitando o gancho, a moderadora pergunta se essa informalidade é boa ou ruim para a compreensão da notícia. A comerciante afirmou que aprova, sem que haja excesso. O técnico em audiovisual também gosta do estilo justificando que uma conversa entre os jornalistas ajuda a descontrair. A radialista intervém e assegura que isso não pode ser feito no meio da informação, mas apenas como um detalhe para fechar uma notícia. O funcionário público aposentado concorda e diz que isso é importante até quando há alteração na expressão do apresentador diante de determinada notícia: “você percebe bem o William Bonner muda a fisionomia quando ele quer dar uma notícia séria. A voz, a entonação [...] trazem a pessoa para dentro da notícia e também traz a notícia para você. Eu gosto dessa informalidade”. Aqui, aconteceu algo interessante que foi a mudança de opinião desse integrante do grupo focal. Ele deu início aos trabalhos dizendo-se um apreciador da formalidade dos noticiários e, agora, manifestou-se favorável a ela.

A radialista também fez uma importante colocação neste momento da discussão. Para ela, o jornalismo está passando por uma grande transformação, que vai da participação e colaboração dos internautas na composição do jornal até a tentativa de eliminar a quarta parede, proveniente do teatro. “O jornalista agora é igual a gente”. A administradora de empresas complementa que não vê o jornal em função da roupa que a apresentadora usa, mas repara no figurino para ver se é parecido com algum modelo que possui. “Isso é o termo que a gente usa: parece com o que eu tenho. Ela tá tão próxima de mim”. A radialista reforça: “Isso é bom porque dá mais veracidade. É muito melhor quando você tá próximo”.



Outro trecho do MGTV 1ª Edição foi exibido. A notícia em questão foi enunciada longe da presença da bancada e com o deslocamento da apresentadora. A intenção foi identificar como a audiência percebe a queda da bancada. A pedagoga foi a primeira a dizer que a bancada já não é o principal acessório do cenário. A doméstica também reparou positivamente nesta característica e destacou que a bancada quase não apareceu na movimentação que a apresentadora fez ao enunciar a reportagem. Para ela, tudo transcorreu tranquilamente parecendo que ela própria caminhava ao lado da Érica Salazar. O motorista teve o mesmo sentimento. “Você vai passeando (com ela) e esquece a bancada que quase não aparece”. A radialista fez a seguinte observação: “Na outra era, era aquela coisa toda ‘quadradona’ e ele lá (o apresentador). E com a evolução foi diminuindo essa bancada, essa bancada vai sumir. Você está andando com ele e a bancada pode ser um entrave. O que eu faço daquilo? Eu preciso de informação e material humano”.

A estudante de Jornalismo concordou com a radialista assim como o funcionário público aposentado que ratificou que a bancada é só para dar um apoio. O motorista também engrossou o coro ao dizer que a bancada é apenas um enfeite. A pedagoga salientou o que, para ela, transparece ser o papel da bancada: um obstáculo entre o público e o telejornal.

A bancada é um limite entre o telespectador e o apresentador. Há essa separação: eu sou o repórter e você é o público. Agora não. Agora ela (apresentadora) interage. Você pode participar. Ela anda. E eu acho importante realmente quando nessas chamadas em que a televisão (o telão que faz o *link* com a participação do repórter da rua) aparece, você vê a notícia o que está acontecendo lá fora, aqui e o que acontece em outras regiões, chama Barbacena, chama outra cidade [...] Então aproximou mais esse tipo de jornalismo, tirando essa bancada.

A estudante voltou a se manifestar concordando com a mudança implementada no MGTV e apoiando a queda da bancada. “Eu acho que a bancada vai desaparecer porque é uma forma de aproximação mesmo. A bancada era sim uma barreira [...] e mostra mais formalidade. A tendência não é essa mais. A tendência é um com o outro, é troca”.

Em outro trecho do telejornal exibido, a apresentadora vira-se de costas para o público conferindo atenção ao telão com a presença do repórter trazendo notícias da rua. Perguntados sobre o que eles achavam sobre o fato de ela dar as costas para os telespectadores, os participantes foram unânimes em dizer que o foco da atenção,



naquele momento, estava no repórter. A pedagoga destacou que a apresentadora estava chamando atenção para a notícia, não para ela. Para a radialista, ao se deslocar em direção ao telão, a apresentadora estava transportando o direito de emitir a mensagem ao outro. “Não olhem em mim, eu não sou o foco”, complementou. A estudante de Jornalismo acredita que isso reforça a naturalidade uma vez que “a gente quando vai conversar com alguém, a gente vira também”.

Ao serem indagados sobre a espontaneidade em cena, os integrantes foram categóricos ao afirmar que a apresentadora titular do MGTV 1ª Edição é extremamente natural, ao contrário de outros profissionais, mais “sisudos” no ar. “A Érica tem essa facilidade”. A funcionária pública aproveitou o momento para lançar outra questão: “Falaram aqui que o teatro ajuda, pode ajudar. Eu acho que pode ter uma pessoa descontraída fazendo a apresentação do jornal tão bem quanto uma que fez teatro”. O funcionário público confessou que estava quieto pensando no estilo de outros apresentadores mais tradicionais. “Eu acho que esses profissionais deveriam atuar em um tipo de noticiário mais formal mesmo, lembrando talvez o Jornal Nacional”, revela. A colega que estava sentada ao seu lado, também funcionária pública aposentada, virou-se para ele e emendou: “mas isso tá acabando, a bancada. A bancada um dia vai acabar. Será que eles vão saber conduzir um novo tipo de jornalismo em TV pelo perfil que têm?”

4 - Conclusão

Este artigo propôs-se a revelar como as alterações na cena de apresentação do telejornal se constituem em tentativas de aproximação com o telespectador estabelecendo, assim, vínculos de pertencimento e relações identitárias com o público. Retirar a bancada da posição de protagonismo do espaço cênico e permitir a circulação e o posicionamento do apresentador no estúdio foram as principais estratégias adotadas por um dos maiores telejornais da Zona da Mata Mineira, o MGTV 1ª Edição, da TV Integração, afiliada da TV Globo.

Toda e qualquer modificação na enunciação dos programas jornalísticos é percebida positiva ou negativamente pela audiência. Promover mudanças no telejornal é saber que os contatos/diálogos com o público também serão alterados. Nossa intenção era perceber se a queda da bancada rompia os obstáculos entre enunciador e enunciatário. Durante a observação das opiniões emitidas pelos integrantes do grupo focal ficou claro que a queda da bancada é uma evolução no telejornalismo, considerada



por eles uma inovação. Os componentes concordam que ela já não é mais o principal elemento do cenário e, aos poucos, vai sumir de cena. A redução da “importância” da bancada traz à tona a informalidade que provoca uma aproximação com o telespectador. Sem esse acessório há mais mobilidade e, por isso, para os membros do grupo, o telespectador está mais à vontade durante a enunciação, sem que seja impedido por um obstáculo, como a bancada. A queda da bancada pôs abaixo a distância que havia entre o noticiário e o público proporcionando uma maior interação entre os enunciadores e quem está do lado de lá da tela.

Do ponto de vista corporal, dar as costas ao público, até pouco tempo atrás era inadmissível. Na nova cena isso é adotado com frequência no sentido de efetivar o tom dialógico na enunciação. É assim que nos comportamos diariamente no encontro e contato com o outro, assim também é (re) produzido no ambiente cenográfico. A possibilidade de observar os enunciadores de corpo inteiro também contribui para uma maior identificação e aproximação com o público. A adoção de um “figurino” mais solto e leve, algo mais próximo das roupas que usamos no cotidiano transformam esses profissionais em “gente como a gente”. Ao adotar esses mecanismos de aproximação, o telejornal promove a sensação de que o local da enunciação é um prolongamento de nossas casas.

O grupo focal percebe e gosta dessa informalidade. A “distância” que existia antes, em função da linguagem mais séria e da formalidade dos enunciadores em relação ao público, conferia o que eles chamam de “peso à informação”. Apesar de reconhecer a importância da aproximação, o grupo ressalta que nem todo comunicador sabe conduzir a notícia de maneira leve mas com credibilidade. Investigar a reação do público em relação às mudanças tornou possível entender melhor como acontece a representação da proximidade com o novo formato do telejornal.

A participação do grupo focal foi fundamental para que descobríssemos o novo sentido da bancada. Os integrantes reconhecem que o antigo formato, com a bancada, vai sumir com o tempo porque ele não se enquadra mais com a naturalidade da enunciação praticada no momento. A queda da bancada deixa os enunciadores à vontade. O acessório, como concebido no passado, foi considerado um entrave, um obstáculo, um limite entre o telejornal e o público. A formalidade começa a entrar em desuso. A tendência, sob a perspectiva do grupo focal é a informalidade, a troca entre um (emissor) e outro (receptor).



6 – Referências

BECKER, Beatriz. **Do mito da imagem ao diálogo televisual:** repensando o ensino e a pesquisa em telejornalismo. In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional.** Florianópolis: Insular, 2009. p. 81-104.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. **Grupo focal.** In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p. 180-192.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo:** a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão em Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livro, 2005.

VIZEU, Alfredo **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis: Calandra, 2005.

_____. (org). **Sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo:** do lugar de segurança ao lugar de referência. In VIZEU, Alfredo (org). **Sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11-28.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

Sites e outros produtos midiáticos consultados:

MEGAMINAS.COM. Uberlândia: TV Integração. Disponível em:
<http://megaminas.globo.com/2011/05/09/tv-panorama-estreia-novo-cenario>
<Acesso em 09/05/2011 às 15h03>

MEMÓRIA GLOBO. Rio de Janeiro: Rede Globo. Disponível em:
<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237480,00.html> <Acesso em 17/12/2012 às 15h47>

MGTV 1ª EDIÇÃO. Juiz de Fora: TV Panorama/TV Integração. Edições de 27/06/2011, 28/06/2011, 29/06/2011, 30/06/2011, 27/03/2012, 04/04/2012, 12/04/2012, 27/04/2012, 07/05/2012, 26/05/2012

TV INTEGRAÇÃO MINAS É VOCÊ. Juiz de Fora: TV Integração. 01/04/2012.